

II Encontro anual de
INICIAÇÃO 
CIENTÍFICA DA UNESPAR

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

André Wilson Paula de Souza (PIC, Fundação Araucária)

Unespar /Campus de Paranavaí, aws_mg@hotmail.com
Professor Doutor: Roberto Leme Batista, rlbatisa07@uol.com.br

Palavras-chave: divisão social do trabalho, capitalismo, revolução industrial.

INTRODUÇÃO

Este relatório se constitui na exposição do resultado final da pesquisa empreendida na pesquisa sobre “**A Revolução Industrial e a divisão social do trabalho**”. É, portanto, uma análise historiográfica sobre o desenvolvimento da divisão social do trabalho, no contexto da Revolução Industrial Inglesa (1780-1840) tendo como finalidade, elucidar as complexas transformações no mundo do trabalho, provocadas pelo advento da maquinaria e de políticas que possibilitaram a acessão de uma classe em detrimento de outra “a burguesia e o proletariado”. Os conflitos, resistências, as formas de organizações, (sindicatos, sociedade de ajuda mutua) as condições de trabalho, moradia, os diferentes ofícios, o status proporcionados aos trabalhadores possuidores de tais habilidades, dentro desta sociedade no período proposto a ser analisado, são alguns dos principais pontos observados. No entanto, para a uma compreensão inteligível, apenas a análise destes pontos não é o suficiente, por isso, voltamos aos séculos anteriores a eclosão da Revolução Industrial, procuramos entender primeiramente, as relações entre, divisão social do trabalho e os modos de produção que antecede ao modelo capitalista baseado na grande indústria fundada na maquinaria (o modo feudal e o manufatureiro), ou seja, buscamos subsídios no passado para compreensão do futuro que propusemos à analisar, uma vez que a divisão social do trabalho, não trata-se de um fenômeno imutável, pelo contrário, está permanentemente em transformação cuja forma mais acabada, está intrinsecamente ligada ao aperfeiçoamento das técnicas de produção, assim como a revolução industrial não trata-se de um acontecimento factual, mas sim, de um processo.

Em nossa pesquisa vimos que o aumento das trocas sugere automaticamente um aumento da produção, que por vez sugere uma divisão do trabalho ainda mais sistematizada, neste sentido estes fenômenos se tornam parceiros inseparáveis. Conforme a divisão do trabalho se torna mais avançada e eficaz, ela impulsiona o desenvolvimento técnico, que por sua vez aumenta ainda mais a divisão do trabalho, permitindo assim interligar diversas atividades, um sistema de cooperação cada vez mais ampliado onde o mundo inteiro acaba por associar.

A divisão do trabalho promovida pela manufatura proporcionou através da cooperação o aumento das forças produtivas, com isso, o estabelecimento do novo modo de produção, voltado

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

exclusivamente para o lucro, (capitalismo) superando assim, o antigo modo de produção feudal com base no ofício. A cooperação entre os homens no processo manufatureiro permitiu a superação da produtividade e a redução do tempo para cada produto fabricado em relação ao modo feudal. Embora a manufatura tenha superado o antigo modo de produção, não conseguiu suplantar o protagonismo do homem, mesmo usurpado pelo capitalista, que se apoderou das suas antigas ferramentas e parcelou o seu conhecimento através da divisão do trabalho ao longo do tempo, o homem ainda se manteve como principal agente transformador do processo produtivo, (embora, não mais na condição de proprietário) manuseando os instrumentos e cadenciando o ritmo da produção.

A REVOLUÇÃO INDUSTRIAL E A DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO

Segundo Mantoux (s/d) a indústria têxtil foi a principal responsável pelas mudanças sociais e econômicas na Inglaterra do século XIV até o final do século XVIII. A lã, matéria prima oriunda do carneiro, reinou soberanamente por todo período manufatureiro, leis e mais leis foram criadas para garantir a sua supremacia, todas as outras indústrias estavam condicionadas à segundo plano. Assim salienta Paul Mantoux:

O prestígio que envolveu essa indústria até o fim do século XVIII e a hegemonia que exercia sobre todas as outras, são atestadas por um dito sagrado: “the staple trade, the great staple trade of the kingdom”. Expressão bastante difícil de se traduzir, que significa indústria por excelência, a indústria fundamental, essencial do reino. Todos os interesses eram considerados secundários frente ao seu. “A lã” escreveu Arthur Young, em 1767, “há tanto tempo é vista como um objeto sagrado, como a base de toda nossa riqueza, que é um pouco perigoso aventar um parecer que não reverta em sua vantagem exclusiva”. Uma longa série de leis e regulamentos tinha por fim protegê-la, mantê-la, garantir a excelência de seus produtos e a elevada taxa de lucros” (MANTOUX, s/d, p. 24).

Mantoux (s/d) salienta que antiga indústria lanífera inglesa, ao contrário da grande indústria algodoeira não se encontrava concentrada em determinadas localidades, mas sim espalhadas por toda parte. Um dos modelos típicos da antiga indústria era o sistema doméstico. Na região de Yorkshire, compunham o quadro desta indústria o mestre tecelão seus familiares e alguns operários que na maioria das vezes residiam em seu domicílio. Os operários não viam estes pequenos industriais pertencentes a uma classe diferente da sua, ainda não havia uma diferença social tão acentuada. Viviam em choças, “cabanas rústicas” muitas vezes era composta por um único cômodo que servia tanto para cozinha como para oficina. Além das ferramentas possuíam a matéria prima e não dependiam de um capitalista, pois ele mesmo se encarregava de vender a peça pronta no mercado mais próximo. No entanto estes pequenos industriais não possuíam espírito capitalista e o que produziam era destinado à sua subsistência, em sua pequena propriedade, geralmente possuíam alguns animais que serviam para ajudar no labor, como também para sua alimentação, assim contribuindo para uma melhor qualidade de vida para o mestre tecelão e os seus familiares.

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

No entanto, seria ilusão acreditar que os produtos fabricados por essa pequena indústria, não rompeu as barreiras de sua localidade, elas não só se espalharam por toda Inglaterra, como também para o exterior.

Mantoux afirma que

[...] seria um erro acreditar que essa pequena indústria era inteiramente local, sem saídas para o exterior. Dos mercados de Leends ou de Halifax, onde o próprio artesão ia levar a peça que tecera com as suas mãos, os tecidos de Yorkshire difundiam-se por toda a Inglaterra; eram exportados para portos holandeses, para países Bálticos e, fora da Europa, até os pontos do levante e para as colônias americanas. Foi precisamente a extensão comercial que tornou inevitável a transformação da indústria. (MANTOUX s/d, p.39).

A partir do momento em que a produção se tornou maior que a necessidades de sua localidade, só havia uma alternativa para indústria doméstica subsistir, sem ter como escoar sua produção os fabricantes obrigatoriamente tiveram que vincular-se a um comerciante, que comprava sua produção e as revendias por todo mercado interno ou mesmo no exterior. Diferentemente destes fabricantes estes intermediários eram capitalistas, o mercador fazia a ponte entre o pequeno produtor e o pequeno lojista, destinava-se seu capital apenas a função comercial. Porém, desde o início dessa parceria, era comum os produtores deixarem aos mercadores, certos detalhes para a conclusão das peças de tecidos. Desta forma o mercador via-se obrigado a contratar outros trabalhadores o que o tornava de certa forma empregador, encontramos ai a gênese da transformação do capital comercial em capital industrial.

Mantoux afirma que

A indústria doméstica, desde que sua produção ultrapassou as cidades do consumo local, só pode subsistir sob uma condição: o fabricante, incapaz de escoar por si mesmo suas mercadorias, devia vincular-se a um comerciante, que as comprava e as revendia ao mercado nacional ou no estrangeiro. Este comerciante, auxiliar indispensável, tinha em suas mãos a sorte da indústria. Com ele, interveio um elemento novo, cuja força logo reagiu sobre a produção. O Mercador de tecidos era capitalista. Em geral era se limitava a servir de intermediário entre o pequeno produtor, e o pequeno lojista, de outro, seu capital conservava sua função puramente comercial. Em geral, o tecelão lhe entregava a peça de tecido sem que estivesse acabada ou tingida; cabia a ele o trabalho de acabamento que devia preceder à venda definitiva. Para isso, era preciso que ele contratasse trabalhadores; que se tornasse, de uma forma ou de outra, empregador. É a primeira etapa da transformação gradual do capital comercial em capital industrial (MANTOUX, s/d, p.39).

De acordo com Paul Mantoux, ao contrário dos mercadores da região de Yorkshire, os mercadores dos condados do Sudoeste interferiam na fabricação dos tecidos desde o início, eles compravam a lã bruta mandava cardar, pisoar, tecer, fiar, ou seja, todos os processos estavam destinados por sua conta. Os trabalhadores responsáveis pelo processo de transformação da matéria prima em produto acabado, apesar de sua aparente independência, nada mais eram que operários a serviço de um patrão. Mesmo assim eram bem diferentes dos trabalhadores da manufatura ou da fábrica. Viviam basicamente da agricultura o trabalho industrial era apenas um complemento.

A agricultura e a indústria encontravam-se estreitamente ligadas, o aumento da produção de uma pressuponha a redução da outra. Em época de colheita o trabalho de tecelagem era praticamente

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

paralisado em função da colheita, assim como no inverno as rodas de fiar funcionavam a todo vapor. Os mercadores ricos que compravam grandes quantidades de lã se viam nos períodos de colheita obrigados a mandar a lã para fiar a longas distâncias, tinham empregados destinados a distribuir a tarefa. Depois de ser fiada, a lã ia parar nas mãos dos tecelões. Os tecelões aparentemente eram independentes, trabalhavam em suas casas eram donos do próprio tear, muitas, vezes exerciam a função de empresário encomendando a cardagem, a fiação e coordenando a produção. Não possuía compromisso com um determinado patrão, normalmente, lhes eram confiados a produção de mais de um mercador sendo assim devemos considera-los não um simples operário, mas sim um fornecedor de trabalho, no qual mantinha uma reação de igual em relação ao rico cliente.

Assim afirma Paul Mantoux:

Após ter passado pelas mãos dos fiandeiros e fiandeiras, a lã era confiada ao tecelão. Este ainda conservava toda a aparência de independência. Ele trabalhava em sua própria casa em seu próprio tear. Desempenhava inclusive o papel de empresário e se encarregava de dirigir a fabricação: frequentemente, ele encomendava, às suas custas, a cardagem e a fiação, forneciam as ferramentas e alguns materiais secundários da produção. Além disso, ele não tinha compromisso com o patrão: não era raro que tivesse tarefa dada por quatro ou cinco mercadores. Nessas condições, ele era naturalmente levado a considerar-se não um operário, mas um fornecedor, tratando de igual para igual com o rico cliente (MANTOUX, s/d, p.42,).

Porém, este tecelão era pobre, ao pagar todas as despesas da produção, pouco lhe sobrava, ele contava muito com a sua plantação, quando esta, não dava bons resultados, se via em dificuldades. Para solucionar seu problema ele recorria a empréstimos junto ao mercador, que lhe concedia, em troca, exigia do tecelão o penhor do seu tear. Sem ter como pagar o mercador se apropriou das ferramentas do tecelão, uma vez que a matéria prima também já não lhe pertencia, sobrava lhes, apenas sua força de trabalho para vender. Esta apropriação ocorreu de forma lenta quase imperceptível, exceto, nos ramos onde os instrumentos eram mais caros, nestes ramos, a expropriação ocorreu de forma mais acelerada e totalitária. A mercê do capitalista as rusgas acentuam-se, e uma das formas de luta dos produtores contra “agora” seus patrões consistia na quebra das maquinas que lhes eram alugadas.

Nesse sentido afirma Mantoux:

Mas ele era pobre, após deduzir os salários a pagar, da soma que recebera, restava lhe pouco. A estação fosse má e a colheita falhasse, ficava em dificuldades. Ele procurava, um, empréstimos: a quem dirigir-se se não ao mercador manufatureiro, que o empregava? Este consentiria de bom grado a emprestar-lhe, mas era preciso um penhor: esse penhor seria o tear já convertido em um instrumento de trabalho assalariado e que deixava então de pertencer ao produtor. [...]. De modo que o mercador que o mercador manufatureiro acabou por possuir a lã, o fio, o tear, o tecido, com o moinho de pisoar o tecido e a loja onde ele era posto à venda. Em certos ramos da indústria lanífera, onde os instrumentos eram mais complicados, portanto mais caros a apropriação capitalista foi mais rápida e mais completa. Os tricotadores de malhas, em Londres e Nottingham, pagavam um aluguel – frame - rent - pelo uso dos teares de tricotar: quando ficavam descontentes com seus patrões, uma de suas formas de lutas consistia em quebrar seus teares. Assim pouco a pouco, o produtor, despojado de todo o direito de propriedade sobre os instrumentos de produção, só podia vender seu trabalho e só tinha seu salário para viver (MANTOUX, s/d, p.42-3).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

Nas cidades, a situação era ainda pior, isto por que, os operários do campo ainda conseguiam complementar seus salários com o que tiravam da terra, enquanto nas cidades o operário só tinha o seu salário. Após a apropriação das terras comunais o quadro quase que se generaliza, o homem outrora do campo é obrigado a deixá-lo e se estabelecer nas cidades. O aumento da mão de obra oferece as condições ideais para o capital, o excesso de mão de obra reduz ainda mais os salários a ponto de não lhes garantirem a própria subsistência. Somente alguns ofícios nos quais exigiam certas habilidades como é o caso dos penteadores, conseguiam pressionar os patrões por melhores salários, o número reduzido destes profissionais e o fato de não fixar moradia de estarem sempre indo de uma região para outra, era fator decisivo a seu favor.

Os conflitos que antes eram esporádicos se tornaram mais frequentes, a distinção cada vez mais evidente entre duas classes e as contradições, motivaram estes conflitos. Nunca na história da humanidade se vira até então, tamanha desigualdade social entre os homens. No entanto se enganam aqueles que pensam que a resistência a burguesia parte da camada mais oprimida pelo contrário, a resistência parte da camada na qual possuía maior independência, acostumados com um certo conforto não aceitariam perdê-lo assim tão facilmente.

Assim Mantoux sentenciou que

Apenas quando nos encontramos na presença de duas classes de homens bem distintos, de um lado a dos capitalistas e do outro a dos operários assalariados, cuja imensa maioria está condicionada a nunca sair de sua condição, a oposição tende a se tornar frequente e normal [...] sublinharemos que os movimentos de resistência não nascem entre os mais oprimidos, mas, pelo contrário, entre aqueles que, tendo conservado maior dependência, suportam mais dificilmente a opressão (MANTOUX, s/d, p.54,56).

A resistência imposta pelos homens apresentou efeito ambíguo, ao mesmo tempo em que ela garantiu melhores salários aos trabalhadores de certos ramos da indústria têxtil ela impulsionou o desenvolvimento da técnica, (embora esta não seja a única razão do desenvolvimento técnico) técnica esta, que faria do mais qualificado operário um mero auxiliar, não de outro homem, mas de uma máquina.

De fato, a Revolução Industrial marcaria o início de uma nova ordem econômica que a muito tempo começara, o capitalismo. No entanto, não podemos crer que todos os artesãos ingleses imediatamente se tornaram proletário e muito menos que os trabalhadores abdicaram a suas antigas condições de vida sem luta.

Hobsbawm (2001) salienta que por volta dos anos de 1780 na Inglaterra “explodia” a Revolução Industrial. Este acontecimento mudaria os parâmetros do mundo até então. Diversos foram os fatores que possibilitaram a eclosão da revolução Industrial na Inglaterra como o aumento da produção agrícola, o melhoramento das estradas, o fato da Inglaterra há muito tempo ter rompido os laços com o poder absolutista, por possuir um parlamento e uma burguesia forte etc.

[...] as condições adequadas estavam visivelmente presentes na Grã-Bretanha, onde mais de um século se passara desde que o primeiro rei tinha sido formalmente

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

julgado e executado pelo povo e desde que o lucro privado e o desenvolvimento econômico tinham sido aceitos como os supremos objetivos da política governamental. A solução britânica do problema agrário, singularmente revolucionária, já tinha sido encontrada na prática. Uma relativa quantidade de proprietários com espírito comercial já quase monopolizava a terra, que era cultivada por arrendatários empregando camponeses sem terra ou pequenos agricultores. Um bocado de resquícios, verdadeiras relíquias da antiga economia coletiva do interior, ainda estava para ser removido pelos Decretos das Cercas (Enclosure Acts) e as transações particulares, mas quase praticamente não se podia falar de um "campesinato britânico" da mesma maneira que um campesinato russo, alemão ou francês. As atividades agrícolas já estavam predominantemente dirigidas para o mercado; as manufaturas de há muito tinham se disseminado por um interior não feudal. A agricultura já estava preparada para levar a termo suas três funções fundamentais numa era de industrialização: aumentar a produção e a produtividade de modo a alimentar uma população não agrícola em rápido crescimento; fornece um grande e crescente excedente de recrutas em potencial para as cidades e as indústrias; e fornecer um mecanismo para o acúmulo de capital a ser usado nos setores mais modernos da economia. (HOBSBAWM, 2001, p.22).

A revolução Industrial não só mudara os rumos da economia com as novas técnicas de produção que permitia aos fabricantes a produção de diversos artigos em grande escala, como também abalou profundamente a base social. Ao mesmo tempo em que produzia riqueza, a revolução criava pobreza. Isto pelo fato da maquinaria possibilitar a introdução de crianças e mulheres (mão de obra barata) no interior das fabricas já que a maquinaria autômata necessita apenas de acompanhamento de suas atividades, uma vez que executa todas as etapas na produção, o que possibilitou a redução dos salários, já que não mais se faz necessário a força muscular dos homens, assim como já havíamos visto anteriormente.

No entanto, a Revolução industrial atingiu de forma mais catastrófica uma parcela da população inglesa, de certa forma, uma pequena fração, considerada menos qualificada, isto por que, até a década de 1830 o trabalhador artesão era superior numericamente ao fabril. Como salienta Thompson:

Durante meio século após a “erupção” da tecelagem (por volta de 1870), os trabalhadores industriais conservaram-se como minoria na força de trabalho adulta na própria indústria algodoeira. No princípio da década de 1830, os tecelões manuais do algodão superavam todos os homens e mulheres empregados nas fiações e tecelagens industriais de algodão, lã e seda somados (THOMPSON, 2002, p.19).

Até o início do século XIX a vida dos trabalhadores qualificados na Inglaterra quase não mudara, os salários eram determinados rotineiramente pelo prestígio social e pelo costume ao invés da lei da oferta e procura. A indústria ainda não havia se espalhado pelo interior do país muitos artesãos percorriam fazendas e feiras onde vendiam suas mercadorias e prestação de serviços. Assim afirma Thompson:

Os salários dos profissionais qualificados no princípio do século 19 eram determinados frequentemente por certas concepções de prestígio social e pelo “costume” ao invés da “oferta e procura” no mercado de trabalho. A regulamentação do salário usual podia envolver muitos fatores, desde o status determinado pela tradição para o artesão rural até a intrincada regulamentação nos centros urbanos. A indústria ainda estava totalmente dispersa pelo interior. O funileiro, o fiador ou o mascate levavam suas mercadorias ou suas habilidades de fazenda em fazenda de feira em feira. (THOMPSON, 2002, p.72).

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

A sorte dos trabalhadores estava muito ligada a forma como se organizavam. Os ofícios que dispunham de uma forte organização de ajuda mútua de sindicatos mais consistentes, seus membros possuíam também mais educação estavam mais ligados a política por tanto estavam mais dispostos a lutarem pela conservação dos seus direitos. A diferença socioeconômica entre os grupos de trabalhadores quase imperceptíveis nas décadas que antecede a eclosão da revolução industrial se torna nítida nas principais cidades industriais inglesas nas primeiras décadas do século XIX. O prestígio a organização a remuneração a moradia difere acentuadamente entre os trabalhadores qualificados e não qualificados. Nesse sentido Thompson afirma que “[...] uma distinção maior podia ser percebida entre o trabalhador qualificado, ou o aprendiz, e seu empregado, entre o ferreiro e seu malhador, entre o alvenciro e seu empregado, entre o desenhista de estampas para tecidos de algodão e seus assistentes, e assim por diante” (THOMPSON, 2002, p. 79).

Dessa forma Thompson afirmou que

A diferença entre o trabalhador não-qualificado – em termos de status, a organização e remuneração – era tão grande na Londres de Henry Mayhew, nas décadas de 1940 e 1950, quanto na época das guerras Napoleônicas (supondo que não tenha aumentado ainda mais) “Ao passarmos dos bairros dos trabalhadores qualificados, no Extremo – Oeste, para o bairro dos operários não qualificados, na região leste de Londres” comentou Mayhew, “a mudança em termos morais e intelectuais é tão grande que temos a impressão de estarmos em outro país entre outra raça”. No Sul, a maioria dos membros da sociedade de auxílio mútuo eram artesãos, e as suas organizações sindicais eram as mais firmes e estáveis. Foi também entre eles que os movimentos religiosos e educacionais floresceram e o owenismo criou as mais profundas raízes (THOMPSON, 2002, p. 79-80).

De acordo Thompson (2002), com o fim das guerras, o número de mão de obra aumentou ainda mais e conseqüentemente a miséria entre a classe trabalhadora, somente alguns ofícios permitiram os trabalhadores sustentar por mais tempo os bons salários, geralmente os trabalhadores que conseguiam tal feito eram os mais politizados que não aceitavam de forma pacífica a perda de seus direitos e os profissionais produtores de artigos de luxo, isto por que a e falta de mão de obra qualificada permiti-os lutarem por seus direitos.

Assim salienta Thompson:

Podemos afirmar com segurança que os artesãos sentiam que seu status e seu padrão de vida estavam ameaçados ou se deteriorando entre 1815 e 1840. As inovações técnicas e a superabundância de mão-de-obra barata debilitaram sua posição. Eles não possuíam direitos políticos, e o estado procurava destruir seus sindicatos, mesmo que por simples capricho. [...]. Por outro lado, o construtor, de carruagens o trabalhador dos estaleiros e o mecânico [...] encontrava-se numa situação mais favorável, em função do carácter de seu trabalho e da escassez de mão de obra nestas especialidades para manter ou aumentar a defesa sindical (THOMPSON, 2002, p.103- 106-107).

Entretanto, mesmo os trabalhadores qualificados não estavam a salvos do destino que o avanço tecnológico e que o estado lhes reservara. As novas técnicas de produção, permitiu a inclusão no mundo do trabalho, novos atores, e o Estado através das leis que revogavam e as novas que implantavam, atendia deliberadamente a favor da burguesia. A abundância da mão de obra barata e

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

despreparada permitia ao capitalista a redução dos salários e o aumento da jornada de trabalho. No entanto, a resistência persistia, através da militância sindical de greves e outras formas de lutas. Passado as primeiras décadas de extrema exploração por parte dos capitalistas e extrema coerção do Estado, por volta dos anos de 1950, a resistência imposta pelos homens a nova ordem econômica, ao menos garantia a classe trabalhadora melhores condições de vida em relação aos seus antepassados.

Segundo Marx (1985), na manufatura o processo de produção nada mais é que uma decomposição da atividade artesanal em suas diversas operações parciais. Seja a atividade manufatureira composta ou simples, sua execução dependente da força, habilidade, rapidez e do trabalhador no manejo do instrumento de trabalho, o processo de trabalho continua sendo artesanal. Os trabalhadores são a base fundamental desse processo de produção, pois é o trabalho parcial, subdividido, de cada um, feito artesanalmente, que garante que o produto percorra todas as fases da produção numa cadeia de trabalhadores parcelados. O trabalhador é apropriado na produção para executar função parcial, vendo sua força de trabalho ser transformada órgão da função parcial. Segundo Marx entende que a divisão do trabalho na manufatura é apenas uma espécie particular da cooperação entre indivíduos, sendo que algumas de suas vantagens decorrem da natureza geral da cooperação e não da forma particular de cooperação manufatureira (MARX, 1985, p. 268-269).

Para Marx, a manufatura produz a virtuosidade do trabalhador detalhista, porque consegue na oficina reproduzir, desenvolver e impulsionar ao extremo a diferenciação naturalmente desenvolvida dos ofícios que a manufatura já encontrou desenvolvida na sociedade. Entretanto, salienta que o trabalho parcial é desenvolvido ao seu limite pela manufatura (MARX, 1985, p. 269).

A vantagem da atividade executada pelo trabalhador parcial da manufatura em relação ao trabalho executado pelo artesão, é que este perdia muito tempo, pois tinha que executar todas as operações na produção de um determinado produto, tinha que se movimentar muito para executar o seu trabalho, além de ter que trocar constantemente de instrumento de trabalho. Esta forma de executar o trabalho criava poros na jornada. Enquanto que o trabalhador parcial da manufatura se via obrigado a executar o dia inteiro a mesma operação, o mesmo movimento, reduzindo os poros do processo de trabalho. A forma de trabalho da manufatura aumentava a produtividade individual graças ao dispêndio crescente da força de trabalho em dado espaço de tempo. O excesso de energia que era dispendida pelo trabalhador artesão ao manusear os instrumentos e ter que se mover de um lado para outro, é compensado pelo trabalhador parcial manufatureiro, pois atinge uma maior perduração da velocidade normal do seu trabalho (MARX, 1985, p. 270).

Portanto, a produtividade na divisão manufatureira do trabalho não dependia apenas do trabalhador e de sua virtuosidade, mas fundamentalmente da perfeição de seus instrumentos de trabalho. No entanto, o trabalhador parcial, ao assumir as tarefas decompostas e dissociadas, subdivididas e parceladas na produção manufatureira, acaba desenvolvendo a forma mais adequada para a execução do trabalho, facilitando a sua atividade e exigindo novos instrumentos de trabalho, pois “[...] tão logo as diversas operações de um processo se dissociam e cada operação parcial adquire na mão do trabalhador parcial a forma mais adequada possível e, portanto exclusiva, tornam-se

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

necessárias modificações nas ferramentas anteriormente utilizadas para fins diferentes” (MARX, 1985, p. 270).

Essa mudança na forma de trabalho decorre da experiência das dificuldades provocadas pela antiga forma inalterada. Os primeiros trabalhadores parciais receberam as mesmas ferramentas de trabalho que eram antes utilizadas pelos artesãos, portanto, ferramentas que prestavam para diversas atividades ao mesmo tempo. No entanto, como na manufatura os trabalhadores executavam permanentemente a mesma atividade desenvolveram novas formas de intervir na produção, o que levou a necessidade de desenvolver novas ferramentas especializadas para o trabalho, para uso particular, fixo e exclusivo em determinadas atividades, condizentes com o trabalho parcial. Portanto, esta é uma das principais características do período manufatureiro (MARX, 1985, p. 270).

Marx enfatiza que foi ao desenvolver a ferramenta especializada, melhorando, diversificando e adaptando-as às funções exclusivas particulares dos trabalhadores parciais que o período manufatureiro criou as condições materiais para o surgimento e desenvolvimento da maquinaria, que “consiste numa combinação de instrumentos simples” (MARX, 1985, p. 270-271).

Na produção manufatureira o trabalhador parcial exerce uma importância vital, pois de sua virtuosidade depende a continuidade da cadeia produtiva. Nesse sentido, Marx salienta que a produção de um dado produto é feita em sequência, ou seja, um trabalhador tem que dar continuidade ao trabalho do outro, pois “o resultado do trabalho de um constitui o ponto de partida para o trabalho do outro”. Portanto, é a experiência do trabalhador parcial que permite prever e fixar o tempo necessário para “alcançar o efeito útil ambicionado em cada processo parcial”, sendo possível basear-se o resultado a ser obtido pelo mecanismo global da manufatura. É somente através desta organização que permite aos “diferentes processos de trabalho, que se complementam mutuamente” prosseguir a produção no mesmo espaço, ao mesmo tempo sem necessidade de interrupção. Este mecanismo gera uma dependência do processo produtivo em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos indivíduos, e ao mesmo tempo dos trabalhadores entre si, obrigando “cada indivíduo a empregar só o tempo necessário à sua função”. É esta dependência que ao prender o indivíduo em sua função faz com que a produção manufatureira consiga superar as formas de trabalho anterior (MARX, 1985, p. 273).

Marx observa que o período manufatureiro tinha conscientemente como princípio diminuir o tempo de trabalho necessário para a produção de mercadorias, e que o mesmo chegou, embora esporadicamente a desenvolver a utilização de máquinas para a execução de processos simples (MARX, 1985, p. 275).

Segundo Marx o “trabalhador coletivo, combinação de muitos trabalhadores parciais”, é a maquinaria específica do período manufatureiro. Analisando a complexidade da produção manufatureira com suas diversas operações a executar, exigindo do trabalhador ora força, ora habilidade, outrora atenção mental, Marx assinala que o mesmo indivíduo não possui todas estas qualidades no mesmo grau. Por isso, na manufatura faz-se a separação, autonomização e isolamento das diferentes operações, separando, classificando e agrupando os trabalhadores de acordo com suas qualidades dominantes. É sobre as peculiaridades naturais dos trabalhadores que se estabelece a

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

divisão do trabalho, entretanto, com a introdução da manufatura, desenvolve-se força-de-trabalho, apta para funções específicas unilaterais. Ao desenvolver o trabalho combinado e cooperativo a manufatura consegue ter no trabalhador coletivo “todas as propriedades produtivas no mesmo grau de virtuosidade” conseguindo utilizar todos os seus órgãos, individuais ou de grupos de trabalhadores, de forma exclusiva em suas funções específicas. A manufatura consegue fazer com que o limite e a imperfeição do trabalhador parcial se transformem numa perfeição como trabalhador coletivo. O trabalhador parcial, enquanto exerce uma função unilateral transforma esta função em seu órgão natural, já em conexão com o mecanismo global de produção é levado a operar como se fosse um componente de máquina (MARX, 1985, p. 275-276).

De acordo com Marx O processo de produção sob a manufatura, fundada na cooperação e no trabalho combinado, portanto coletivo, ao fazer com que os trabalhadores tenham que exercer funções simples e complexas, baixa e elevada, exige grau de formação diferenciada dos trabalhadores individuais, sendo que, isto faz variar também o valor da força de trabalho. A manufatura desenvolve uma hierarquia das forças de trabalho ao criar a escala de salários. A produção manufatureira apropria-se e anexa o trabalhador parcial por toda a sua vida a uma função unilateral, obrigando-o a adaptar-se “as diferentes operações daquela hierarquia [...] às habilidades naturais adquiridas” (MARX, 1985, p. 276).

O período manufatureiro criou os chamados trabalhadores não qualificados, aqueles cujos despreparos para a produção eram descartados pelo artesanato. A manufatura, ao mesmo tempo em que desenvolve ao extremo toda a especialidade unilateral do trabalhador parcial, sua capacidade total de trabalho, fazendo-o dominar a arte de produzir, transformando-o em um ser virtuoso, também começa “a fazer da falta de todo desenvolvimento uma especialidade”, ou seja, a utilizar a força de trabalho não qualificada.

A manufatura cria ao lado da separação hierárquica uma separação entre trabalhadores qualificados e não qualificados. Para o trabalhador não qualificado a aprendizagem não tem custo, ao passo que para o trabalhador qualificado há uma redução de custo em comparação com o trabalhador artesanal, em razão da simplificação da função. Por outro lado, a manufatura provoca uma desvalorização da força de trabalho em relação ao trabalho artesanal. A desvalorização da força de trabalho é também um meio de valorização do capital, pois aumenta o trabalho excedente não pago ao trabalhador (MARX, 1985, p. 276).

Marx salienta que o comando capitalista sobre um grupo considerável de trabalhadores foi a condição para a existência e desenvolvimento da cooperação e da manufatura. A divisão manufatureira do trabalho fez aumentar o número de trabalhadores empregados, pois desenvolveu ainda mais a divisão do trabalho. A base técnica da manufatura impulsionou a concentração de capital em mãos de capitalistas individuais, determinando a transformação dos meios sociais de subsistência e de produção em capital (MARX, 1985, p. 282).

Tal qual na cooperação simples, na manufatura é o corpo de trabalho em ação a forma de existência do capital, pois os trabalhadores parciais movimentam um mecanismo social de produção que pertence ao capitalista. A força produtiva do trabalho fundada na combinação dos trabalhadores

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

parciais acaba aparecendo como força produtiva do capital, pois a manufatura submete ao comando e disciplina do capital o trabalhador que antes exercia suas atividades artesanais de forma autônoma, criando uma graduação hierárquica entre os trabalhadores. Ao contrário da cooperação simples que não alterava a forma individual de trabalho, a manufatura apropria-se da força de trabalho individualmente, transformando radicalmente o modo de produzir.

A manufatura, ao transformar o trabalhador em executor parcial de uma determinada atividade aleija-o convertendo-o numa anomalia, fomentando artificialmente sua habilidade. Ela divide não só os trabalhos parciais específicos entre os indivíduos, senão o “próprio indivíduo é dividido no motor automático de um trabalho parcial”. Marx observa que a manufatura faz com que o trabalhador, que a princípio vende sua força de trabalho para o capital por não ter os meios materiais para a produção de mercadorias, tenha necessariamente que vender sua força de trabalho individual ao capital, pois é a condição “sine qua non” para poder cumprir seu serviço. A força de trabalho só funciona depois de vendida ao capitalista, na oficina deste. As transformações técnicas e do processo de trabalho na manufatura deformam o trabalhador, tornando-o um incapacitado, fazendo desaparecer “a qualidade natural para fazer algo autônomo”, pois desaparecem as habilidades artesanais do trabalhador individual. O trabalhador torna-se um apêndice da oficina capitalista e só consegue desenvolver uma atividade produtiva como acessório desta (MARX, 1985, p. 283).

Ainda de acordo com Marx (1985) a manufatura apropria-se dos conhecimentos, compreensão e vontade que o camponês ou artesão autônomo desenvolviam, mesmo que em escala pequena, que agora são exigidos pela oficina de trabalho em seu conjunto. Marx observa também que “as potências intelectuais da produção ampliam sua escala por um lado, porque desaparecem por muitos lados.” Aquilo que os trabalhadores parciais perdem em habilidades é concentrado e incorporado ao capital com que se defrontam. A divisão manufatureira do trabalho opõe, aos trabalhadores, as forças intelectuais da produção, fazendo desta uma propriedade alheia e um poder que os domina, pois torna-se poder do capital. O trabalhador é pago para produzir, não para pensar. Marx revela que o processo de dissociação entre “elaboração” e “execução” começou com a cooperação simples, onde o capitalista já representava “a unidade e a vontade do corpo social de trabalho”, diante dos trabalhadores individuais. Esse processo intensificou-se, mutilando ainda mais o trabalhador, convertendo-o, na manufatura, em trabalhador parcial e completando com a grande indústria que separou “do trabalho a ciência, como potência autônoma da produção e a força de servir ao capital” (MARX, 1985, p. 283-4).

Algumas deformações da divisão do trabalho no período manufatureiro são inseparáveis da divisão geral do trabalho na sociedade, ou seja, a manufatura reproduzia a divisão do trabalho já existente na sociedade com base nas corporações de ofício. No entanto, o período manufatureiro levou muito mais longe essa divisão social dos ramos de trabalho. Foi a divisão manufatureira que forneceu o material e deu o impulso para o desenvolvimento da patologia industrial (MARX, 1985, p. 285).

Portanto, a divisão manufatureira do trabalho desenvolveu uma nova força produtiva social do trabalho a partir da análise da atividade artesanal de trabalho, da especificação dos instrumentos de trabalho, da formação dos trabalhadores especiais, isto é, de trabalhadores parciais, do desenvolvimento de um mecanismo global de produção que agrupa e combina o trabalho desses

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

trabalhadores. Esta mesma divisão do trabalho social engendrou uma graduação qualitativa e uma proporcionalidade quantitativa de processos sociais de produção. Sendo a divisão manufatureira do trabalho uma forma de produção social específica do capitalismo, desenvolvida sob as bases deste modo social de produção, seu desenvolvimento não poderia se dar de outra forma. Segundo Marx, esta divisão social de trabalho não é outra coisa, senão um método especial de produzir mais-valia relativa, ou seja, de aumentar a autovalorização do capital à custa de maior quantidade de trabalho excedente tirado dos trabalhadores. A reprodução do capital pressupõe a exploração contínua de trabalho excedente que é convertido em capital como forma de garantir a expansão da reprodução capitalista. Esta divisão social do trabalho não só desenvolve a força produtiva social do trabalho só para o capitalista, alijando o trabalhador deste desenvolvimento, como desenvolve esta força produtiva através da mutilação do trabalhador individual que é transformado em um trabalhador parcial. A divisão manufatureira do trabalho cria novas condições de dominação do capital sobre o trabalho. Esta divisão do trabalho embora apareça como progresso histórico, pois é um avanço em relação ao trabalho artesanal, por isso mesmo, um processo necessário, é, na realidade, um meio civilizado e refinado de exploração social (MARX, 1985, p. 286).

Concretamente divisão manufatureira do trabalho chocou-se com diversos obstáculos para poder realizar as suas tendências. Ela criou ao lado da graduação hierárquica dos trabalhadores uma divisão entre trabalhadores qualificados e não qualificados, sendo a quantidade dos últimos limitada pela influência dos primeiros. Os hábitos e a resistência dos trabalhadores masculinos levaram os capitalistas no período manufatureiro a ajustar “as operações especiais aos diversos graus de maturidade, força e desenvolvimento dos seus órgãos vivos de trabalho”, incrementando a exploração de mulheres e crianças no processo produtivo. A decomposição da atividade artesanal reduziu os custos de formação, logo, reduziu também o valor do trabalhador parcial, no entanto, o trabalho de detalhe mais difícil exigia um tempo mais longo de aprendizagem, sem contar que os trabalhadores procuravam preservar esta necessidade mesmo onde isto fosse supérfluo. A base da manufatura foi a atividade artesanal cujo mecanismo global era extremamente dependente dos trabalhadores, o que obrigava o capital a ter que lutar constantemente contra a insubordinação destes (MARX, 1985, p. 287).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vimos que foi a expansão das trocas comerciais, combinada com a divisão do trabalho levou automaticamente a aumento da produção, e conseqüentemente a transformações das sociedades, o surgimento da manufatura é sem dúvida, conseqüência dessa evolução. Com a separação entre trabalho e capital, a nova ordem de produção vira-se para o acúmulo. O processo de transição da antiga indústria para a grande indústria se deu de forma lenta quase imperceptível, o antigo modo de produção com base no ofício, caminhou paralelamente com modo capitalista desde os tempos do Renascimento e da descoberta do novo mundo, até as primeiras décadas do século XIX. A apropriação capitalista se deu primeiro pela matéria prima, seguida dos meios de produção, e por fim, do

II Encontro Anual de Iniciação Científica
Universidade Estadual do Paraná
Campus Paranavaí, 25 a 27 de outubro de 2016.

conhecimento, inicialmente fragmentado pela divisão do trabalho e mais tarde acoplado às máquinas. A apropriação capitalista culminaria no surgimento de duas classes socialmente distintas (até tão nunca vista na história) o proletariado e a burguesia, na qual uma estaria destinada a trabalhar e sobrevive a duras penas, enquanto a outra enriqueceria e gozaria de uma boa vida.

Ao mesmo tempo em que a Revolução industrial significou um grande salto para a economia ela empobreceu um enorme contingente de trabalhadores, ou seja, a revolução ao mesmo tempo em que criou riqueza criou muita miséria. Isto por que a maquinaria a serviço do capitalista tornou-se a mais poderosa ferramenta de exploração de trabalho alheio, uma vez que ela tem o poder de encurtar a jornada paga ao trabalhador e aumentar de forma extraordinária a jornada não paga, além disso, a maquinaria “quebrou” finalmente a resistência dos trabalhadores uma vez que estes passaram a simples componentes de um sistema onde a máquina, executa todas as funções cabendo ao homem apenas auxiliá-las.

No entanto, o advento da maquinaria não decretou de imediato a ruína dos antigos ofícios, muitos resistiram por décadas depois da eclosão da Revolução Industrial, a resistência as novas técnicas de produção se deram através da organização dos trabalhadores em forma de sociedade de auxílio mútuo, dos sindicatos o que garantiu a muitos trabalhadores gozarem de uma relativa qualidade de vida, estes trabalhadores eram definidos como profissionais qualificados, possuíam certo status social e seus salários ainda no início do século XIX eram normalmente estipulados por este status e pela tradição, não pela lei da oferta e procura. A resistência imposta pelos trabalhadores não possibilitou frear as mudanças no mundo do trabalho imposta pelo surgimento da maquinaria, mas ao menos permitiu a conquista de vários direitos que melhoraram consideravelmente as condições de vida dos trabalhadores ingleses.

REFERÊNCIAS

HOBBSBAWM, E. **A era das revoluções 1789-1848**. São Paulo: Paz e Terra, 2001

MANTOUX, P. **A Revolução Industrial do Século XVIII**. São Paulo: UNESP, s/d.

MARX, K. **O Capital**. São Paulo: Nova Cultura, 1985.

THOMPSON, E. **A formação da Classe Operaria: A Maldição de Adão**. São Paulo: Paz e Terra, 2002